

Cidade mineira põe fim à evasão escolar

Fotos de Giovani Pereira

RENATO SCAPOLATEMPORE

CAMPOS ALTOS (MG) — A evasão escolar, um dos problemas mais graves da educação no Brasil, está sendo resolvido de uma forma diferente pela população de Campos Altos, a 270 quilômetros de Belo Horizonte. Cansados de esperar por soluções e recursos prometidos pelo Governo, os moradores decidiram fazer um pacto em que se comprometem a não deixar qualquer criança do município fora das salas de aula. Em menos de seis meses, o resultado hoje já é animador: praticamente todas as crianças de 7 a 14 anos estão estudando e recebendo tratamento especial nas escolas.

Na verdade, o problema da evasão escolar em Campos Altos começou a ser combatido no ano passado, bem antes da assinatura do pacto entre os moradores. Na época, a Secretaria Municipal de Educação resolveu pagar meio salário-mínimo a 120 crianças carentes para que capinassem as ruas da cidade. Em troca, os meninos, a maioria sem estudar ou com baixa freqüência escolar, teriam que voltar às salas de aula.

— Resolvemos três problemas ao mesmo tempo: as ruas ficaram mais limpas, as crianças voltaram a estudar e deixaram de pedir esmolas no meio da rua — disse a secretária Municipal de Educação, Maria Nazaré de Carvalho.

O pacto para acabar com a evasão escolar surgiu para valer em maio deste ano, baseado numa iniciativa semelhante em âmbito estadual — o Pacto de Minas pela Educação — que, no entanto, não tem apresentado a mesma objetividade observada em Campos Altos. No município, de 15 mil habitantes, bastaram algumas reuniões entre moradores e lideranças de diversos setores para que fosse detectada a maior causa da evasão escolar e apontado os caminhos para a sua solução. Em poucos

dias, já estavam todos trabalhando.

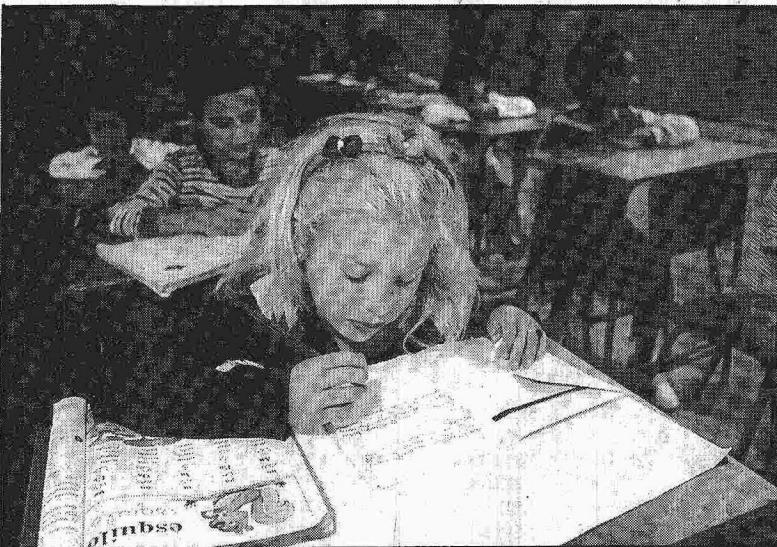
Em Campos Altos, grande parte das crianças deixava de ir à escola porque tinha que acompanhar os pais na colheita do café. Os mais velhos ajudavam a colher e o mais novos eram levados para a lavoura porque os pais não tinham com quem deixá-los. Pelo pacto, ficou acertado, inclusive com a aprovação dos fazendeiros, que todas as crianças até 14 anos deixariam a colheita e freqüentariam as escolas daquele momento em diante, em horário integral.

Para viabilizar a decisão, a comunidade fez um esforço extraordinário. Como as escolas públicas não dispunham de merenda suficiente para alimentar cerca de 300 novos alunos oriundos da colheita, os moradores conseguiram em apenas uma semana alimentos suficientes para três meses. Arroz, feijão, carne, verduras e macarrão são servidos hoje com fartura aos estudantes.

Convencer os lavradores a deixar as crianças na escola em vez de as levar para a colheita foi tarefa fácil. Os próprios cafeicultores da região, com a ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, se incumbiram de mostrar aos pais a importância da escola para o futuro dos seus filhos.

— Não houve qualquer tipo de resistência. Os pais ficaram muito satisfeitos em saber que poderiam inclusive deixar suas crianças de colo em creches e trabalhar tranquilos — disse Maria Nazaré de Carvalho.

Com as crianças dentro das salas de aula, o pacto dos moradores de Campos Altos, que recebeu elogios da Unicef, tem agora novos desdobramentos. A Secretaria de Educação está lançando um desafio às professoras e às mães de alunos para reduzir a zero a taxa de repetência nas escolas, que é alta. Além disso, existe um projeto que pretende acabar com o analfabetismo no município nos próximos anos.



No município mineiro, praticamente todas as crianças freqüentam a escola



Depois das aulas, o cultivo das hortaliças que reforçarão sua alimentação